

O Fangureira

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F. A. O.

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Telefone 8428

42.º Aniversário dos Bombeiros de Esposende

NO passado dia 15 a Vila de Esposende viveu um dia de grande festa: a sua mais prestimosa associação comemorava o 42.º Aniversário.

Cerca das 7,30 horas, uma salva de 21 morteiros dava início à festa, anunciando ruidosamente que a Corporação Humanitária e Beneficente dos Bombeiros Voluntários de Esposende vivia mais um dia feliz, na sua já longa existência.

Às 9,30 horas pudemos ter o prazer de percorrer demoradamente as novas instalações do Quartel, que é amplo, belo, quase luxuoso. O Salão nobre é imponente pelas suas dimensões e está ricamente adornado com lindos candelabros.

O Gabinete da Direcção, magnificamente mobilado, é luxuoso.

Pouco passavam das 9,40 horas quando se fez a formatura geral das corporações presentes: Esposende, Barcelos, Fão, Famicão e Póvoa de Varzim. Depois do que, precedidos da Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende, seguiram para a Igreja Matriz, onde o Rev. Arcipreste benzeu a Nova Bandeira da Corporação, seguindo-se a Missa Cantada, que foi acompanhada pela referida Banda.

Finda a Missa, pelo Rev. Arcipreste foi benzido o Pronto Socorro n.º 2, depois do que as Corporações e entidades presentes, com muito povo, foram em romagem ao Cemitério de Esposende.

Usou da palavra o Comandante Carlos Martins, dos Voluntários de Esposende,

que disse: «Há 1925 anos, nas terras da Galileia, um grande Rabi aproximou-se do túmulo do seu amigo Lázaro e disse: Levanta-te e vem connosco!»

Todos nós desejaríamos que, neste momento se encontrasse entre nós o Divino Jesus e, como nesse dia, dissesse a todos estes nossos mortos, que nos são queridos: Levantai-vos e vinde connosco!

Como todos os Bombeiros e Beneméritos aqui sepultados gostariam de poder assistir a este momento grande da vida dos Nossos Bombeiros, em que vamos inaugurar tão importantes melhoramentos!

Nas páginas da História da Vida este dia é uma das páginas mais memoráveis! Bombeiros e amigos: Que durante os momentos de silêncio que vamos observar, cada um diga dentro de si: Pai Nosso, que estais no Céu, dai o eterno descanso a todos estes nossos amigos».

Observados alguns minutos de silêncio, com os Bombeiros em sentido, foi em seguida deposto um ramo de flores no Jazigo de Rocha Gonçalves, o maior Benemérito da Corporação e no da Família Vieira e outro na campa de um bombeiro, em homenagem a todos os Bombeiros sepultados neste Cemitério.

Cerca das 11,30 horas, as corporações chegavam junto aos Paços do Concelho, onde, ao som do Hino Nacional e com as corporações em continência, foi hasteada a Bandeira Nacional.

(Continua na página 5)

CARTAS DE LISBOA

Meu muito Amigo e Compadre:

Tenho por mim a sina de chegar atrasado onde devia ser o primeiro.

Neste tremendamente chuvoso dia de Março chegou-me O FANGUEIRO com um punhado de parabéns e um «NO 1.º ANIVERSÁRIO» que é uma lição para meditar, ou uma limpa de vistas de aplaudir e invejar.

Parece que a província não perdeu aptidões nem miolos, e não foi preciso inventar Ofir para Fão demonstrar poder gritar a sua realidade «por sua dama».

Felicita-lo é vulgaridade comezinha; prefiro mostrar-lhe o meu espanto por só tão tarde, e em Fão, lhe terem sabido aproveitar as inegáveis aptidões, que Barcelos, sede de um concelho numeroso, nunca viu.

Esta a sua vingança e o seu orgulho, e o orgulho dos seus amigos.

(Continua na página 2)

A Imprensa da Província, no Secretariado

PORQUE o nosso jornal sai com bastante atraso, e os diários, em largas reportagens, relataram o que se passou em Lisboa, nas reuniões da Imprensa Provinciana dispensámo-nos de aqui repetir, o que, de todos é sabido.

Mas O Fangureira não pode deixar de levar, até ao Secretariado, o seu perdurável agradecimento, pelas inúmeras gentilezas com que foi distinguido o seu representante, que assim se expressa:

«A maneira carinhosa e acolhedora, com que o Secretariado Nacional da Informação recebeu a Imprensa Nortenha, calou profundamente, no ânimo de quantos assistiram ao memorável Colóquio, realizado de 9 a 11 do corrente.

Desde a figura altamente simpática, e insinuante, do Maioral — Dr. César Moreira Baptista, — ao mais humilde dos serventuários do Palácio Foz — todos tiveram, para com os jornalistas Provincianos, palavras amigas, afecto e consideração.

(Continua na página 2)

«Vila nuncupata fano»

2. Ainda a igreja de S. Paio

Pelo Coronel Zeferino Sequeira

(Continuação do número anterior)

VEM depois o «pesadello do ano mil», o ano fatídico em que, era voz corrente em toda a cristandade, o mundo ia acabar. Abandonaram-se os campos, paralizaram os trabalhos, esbanjaram-se os haveres.

Será crível que nestes 41 anos de desassossego e provações os pobres monges de Guimarães se propusessem construir a igreja de Fão?

Principia o século XI. Almançor, resolvido a acabar de vez com os pequenos estados cristãos que ainda resistiam, prepara, como ele o sabia fazer, um grande exército com os árabes da península e os numerosos reforços trazidos do norte de África. Alertados a tempo, perante o perigo iminente da sua destruição, leoneses, galegos, castelhanos, navarrenses e até os independentes vascónios, interrompem as suas discórdias e unidos e reforçados com numerosos homens de armas

de além Pirineus constituem um luzido exército capaz de se opor às hordas agarenas. Almançor entra por Castela e segue pelo vale do Douro para nascente.

No dia 6 de Agosto de 1002 depararam-se os contendores no lugar designado pelos árabes com o nome de Kalat-al-nosor. Ao romper da manhã do dia 7 travava-se renhida batalha, em que a carnificina é horrenda. A noite impede a continuação da luta ainda indecisa.

Mas Almançor gravemente ferido, com as suas melhores tropas dizimadas, desanimado pela inesperada e desesperada resistência que encontrara, abandonou a posição durante a noite e, sem que os cristãos igualmente enfraquecidos, o perseguissem retirou para Medina Celi onde, no dia seguinte, morreu, «e com ele a era de prosperidade e grandeza do califado do ocidente, que, poucos anos depois (1036),

(Continua na página 2)

ASA QUEIMADA

ATRAVÉS DA CHAMINÉ
COMO IRROMPE A FUMAGEIRA!
E LOGO DIZ QUEM O VÊ
QUE ARDE O FOGO NA LAREIRA.

ARDI-ME TANTO P'RA SER-ME
ALGUMA COISA NO MUNDO:
—NUNCA PUDE ACONTECER-ME
MAIS QUE UM FUMO NEGRO E IMUNDO;

POIS QUE SÓ LOGREI VIVER
DO PENSAR-ME NO SENTIR-ME
DE UM FUMO DO LUME A ARDER
QUE TINHA P'RA DIVERTIR-ME.

A. FILIPE

Erudição e Cultura

Pelo DR. ANDRADE NOVAIS

—ORA, parece que é assim... parece que a primeira coisa que as coisas são é o *deverem ser inteligíveis*, antes mesmo do *deverem ser ordenadas* deste ou aquele modo ou delas *dever ser feito* este ou aquele uso. O *dever ser* — essa *ideia do dever ser* — é, portanto, como que fonte de tudo: da Ciência e da Moral... não apenas a Moral.

—Deixa lá isso, que, segundo creio, tu não tens disso uma ideia lá muito clara e distinta, como Descartes exigia...

—Acaso tenhas razão... Contudo, se nós estudamos o mundo, se nós nos aplicamos ao estudo das coisas, é sob o condicionamento de que vale a pena: de que elas *devem ser* inteligíveis.

—Mas, qual a origem, donde nos vem essa *ideia do dever ser* inteligível?

—Respondo, não sei se bem se mal: Os idealistas consideram-na logicamente anterior às coisas, como que um *a priori* do nosso pensar e progredir; os materialistas, porém, consideram-na logicamente posterior às coisas, consequência das coisas...

Contudo, na realidade, eu creio que essa ideia e as coisas correlativas: não existem estas sem aquela, nem aquela sem estas. O supor, portanto, uma logicamente anterior ou posterior — isso obedece a princípios de Escola aceite ou a conveniências de estudo. O certo é que a Ciência esclarece a Moral e a Moral completa a Ciência. A Ciência como Ciência é *amoral* — seja: nem é moral nem imoral. Todavia, a Ciência e a Moral não vivem e não agem em casas separadas e fechadas; pelo contrário, convivem;

CARTAS DE LISBOA

(Continuação da página 1)

Exactamente neste número de aniversário vem uma «NOTA ACERCA DE UMA EXPOSIÇÃO DE GRAVURA» da autoria de José Carlos de Vasconcelos com — na primeira coluna da página 7 — um fome (intencionalmente em itálico) que só por carência de espaço, ou por tocar de ouvido, o signatário da notícia não desenvolve nem justifica.

Não se tratando de uma notícia sobre os efeitos, no estômago, de qualquer almoço ou jantar; não se tratando nem dizendo as condições de vida de Carlos Botelho ou de Júlio Resende, de Jorge Vieira ou Jorge Barradas, de António Charrua ou de Querubim Lapa, a que propósito vem, com que fundamento se escreve que Manuel Ribeiro de Pavia morreu de fome?

Ou o signatário conhece a certidão de óbito ou desconhecia Ribeiro de Pavia, ou então ignora a verda-

deira história da fome desse ilustrador.

E' que morrer de fome ou de fartura — de pão ou de espírito — é um efeito só, accidental: Van Gogh suicidou-se como Sá Carneiro; Eloy morreu com uma paralisia e Tegarro com uma meningite; Francisco Franco com amolecimento cerebral e Diogo de Macedo com o coração estafado; Pousão tuberculoso e António Saúde de velho.

Morrer de fome só, mesmo que verdade fosse, ofende mais que a ninguém, à própria memória do morto e a memória de um morto é coisa sagrada que não serve outras intenções por muito que estas se debrucem também sobre os problemas humanos.

Não António Carlos, Amigo e Compadre: a fome de Ribeiro de Pavia tornou-se em pasto de outros esfomeados que Ribeiro de Pavia desprezou com nojo.

Histórias largas que talvez o autor da notícia e da intenção possa contar.

Abraços do Compadre e Amigo

Joaquim Paes

Lx. 2-III-959

A Ciência, como meio da Moral, e a Moral completando a Ciência. E compreende-se, dado que ambas brotam da mesma fonte, ambas nascem da mesma cepa, ambas têm como seu pai Adão o *dever ser*.

E, agora, prezado amigo: santifica essa *ideia do dever ser*, considera-a *sagrada*, considera-a *divina*, e que terá?

— Bem, bem: deixa lá isso, que não interessa. Fico a perceber que no nosso espírito não há compartimentos estanques, moradas fechadas e isoladas... e isso basta: Todas as nossas faculdades convivem: as intelectuais e estéticas, morais e religiosas.

— Tem paciência... que não deixarei de te dar umas amostras, neste passo, do que, em *O valor da Ciência*, Henri Poincaré no seu tempo escreveu:

«A busca da verdade deve ser o fim da nossa actividade; é o único fim digno dela. Sem dúvida que nos devemos esforçar por aliviar os sofrimentos humanos, antes de mais; mas porquê? Não sofrer é um ideal negativo e que mais seguramente seria atingido pelo aniquilamento do mundo. Se, de cada vez mais desejamos libertar o homem dos cuidados materiais, é para que ele possa empregar a sua liberdade no estudo e contemplação da verdade».

«Contudo, a verdade algumas vezes *assusta-nos*. Ela é, com efeito, algumas vezes desanimadora — espécie de fantasma que se nos mostra em um instante, para sem cessar nos fugir; é preciso, por isso, persegui-la mais além e sempre mais além, sem nunca poder atingi-la».

«Para buscar a verdade é preciso ser *independente*, completamente independente;

mas, por outro lado, se nós queremos agir, se queremos ser fortes, é necessário que sejamos unidos. E eis porque muitos têm medo da verdade, pois a consideram como uma causa de fraqueza. Contudo, importa não ter medo da verdade, porque *só ela é bela*».

«Quando eu falo aqui de verdade, sem dúvida que quero referir-me primeiramente à *verdade científica*; mas quero também falar da *verdade moral*, de que aquilo que se *chama justiça* não é senão um dos aspectos. Pode parecer que estou abusando das palavras: reunindo sob um mesmo nome dois objectos que nada têm de comum, porquanto a verdade científica que se *demonstra*, não pode, a título algum, aproximar-se da *verdade moral*, que se *sente*».

«E, todavia, eu não posso separá-las; e os que amam uma não podem deixar de amar a outra. Tanto para encontrar uma como a outra, preciso é que libertemos completamente nossa alma do *preconceito* e da *paixão*: porque é necessário atingir a *absoluta sinceridade*».

«Acrescentarei ainda que aqueles que têm medo dum terão também medo da outra: porque esses são aqueles que, antes e acima de tudo, se preocupam com as consequências. Se nós não devemos ter medo da verdade moral, não devemos por maioria de razão ter medo da verdade científica. Antes de mais, não pode ela estar em conflito com a Moral».

Alguém — sim Alguém — escreveu há tempos: «Não julguei, quando comecei a escrever, estar tão longe de si, como agora vejo que estou». Paraphraseando esse Alguém, eu direi: Não julgava, quando comecei a escrever, estar tão perto de Poincaré como agora sinto estar.

POSTAIS DE BARCELOS

AQUELE DIVINO OLHAR...

BARCELOS, pela História e pela Tradição, é uma terra cheia de surpresas para o romeiro atento que a visita. Aqui e ali, mais cuidados ou mais desprezados, encontram-se padrões imorreduros dum passado glorioso, a falar-nos de grandeza, de heroísmo, de santidade e de milagre... Aqui encontramos, vestido de religiosidade secular, envolvido no misticismo das idades, o majestoso Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz.

Não venho a Barcelos que não entre naquele Templo, tão recolhido, tão acolhedor e que nos inspira tanta piedade. As grandes festas locais, que se avizinham — celebram-se nos dias 1, 2 e 3 de Maio — têm, ou deviam ter, ali, no Templo do Bom Jesus da Cruz, o centro irradiante e principal de todas as solenidades. Sabemos, porém, que não tem sido assim, apesar da solenidade pomposa que ali se faz, com missa solene cantada e com sermão, com

lindos tapetes de flores naturais no sopé dos altares do Senhor da Cruz e de Nossa Senhora das Dores.

Sempre que entro no Templo do Bom Jesus da Cruz e ajoelho, para orar, junto do altar onde se encontra essa magnífica escultura do Bom Jesus, pressinto, com dolorosa intuição, que, naquele divino olhar de Jesus, há uma mágoa infinita, uma tristeza acabrunhante... Fico a pensar... Porquê esta dor? Porquê esta tristeza?... Saio do Templo... Nas ruas, nas praças, na feira, no parque, no rio, por toda a parte há festa, descantes, músicas, danças, cantigas ao desafio, circos, passatempos, divertimentos, loucuras, sessões de fogo, carrosséis, bugigangas, distrações... Tudo isto rotulado com o nome de Festas das Cruzes... Contradição? Mentira? Ignorância? Falta de Fé? Sinais dos Tempos?... Leitor, responde, se achas que isto merece resposta...

— A Sociedade Columbófila Barcelense tem desenvolvido, ultimamente, grande actividade tomando parte em muitos concursos.

— Esteve em Lisboa o nosso querido assinante Sr. Antero Barreto de Faria, figura prestigiosa da nossa Terra.

— Tem estado um pouco adoentado — o que sinceramente lamentamos — o nosso prezado amigo e importante industrial, Sr. Luís Fernandes Pinheiro.

— A Visita Pascal, que será presidida pelo nosso estimado Prior, sairá às onze horas de domingo e percorrerá o itinerário habitual.

Notas pessoais

Decorreu, com muito fervor, a comunhão pascal dos Colégios e da Escola Técnica desta cidade. Professores e alunos deram o belo exemplo de comungarem na Igreja Matriz.

— Foi nomeado Administrador dos Hospitais de Coimbra o Dr. Mário Gândara Norton que, nesta cidade, exerceu vários cargos, como Presidente da Câmara, Conservador do Registo Civil, Presidente da Comissão Municipal da Assistência, etc.

— A orientação dada à formação dos alunos da Escola Técnica desta cidade pelo seu ilustre Director Sr. Dr. Almeida Braguês é digna dos mais rasgados elogios.

A Imprensa da Província, no Secretariado

(Continuação da página 1)

Foram-lhes designados os mais modernos e melhores hotéis; tiveram carros à sua disposição; organizaram-se instructivos passeios; uma festa esplendorosa na Televisão; succulentos banquetes, que príncipes não engeitariam; e alegres merendas, em Sintra, no Sindicato dos Jornalistas, no «Diário da Manhã», na Televisão... que mais serviram para troca de impressões e alicerçar novos conhecimentos, do que para saborear rápidos pitéus.

Sem distinção de ideologias, ou maneiras de pensar, o Dono da Casa, a todos envolvia num halo de simpatia; e os congressistas, assim colmeados de atenções, sentiam-se possuídos do sentimento da gratidão.

Andava tão esquecida, a Imprensa da Província...

As sessões decorreram em fraterno ambiente, e as discussões foram encaminhadas por forma tão elevada, quanta era de esperar da centena e meia de intelectuais, que enchia a vasta e acolhedora Sala do S. N. I.

Ventilaram-se os problemas de maior urgência, de que está carecida a Imprensa Regional. Por economia de tempo e espaço foi seleccionada uma Comissão, que congregasse e or-

«Vila nuncupata fano»

(Continuação da página 1)

se desmembrou em pequenos emirados independentes, cujos mais importantes foram os de Toledo, Saragoça, Sevilha, Malaga, Granada, Badajoz, Múrcia e Valência».

Passado o «pesadelo do ano mil», morto Almançor deslocada a fronteira para Sul do Douro englobando as «terras de Santa Maria», desmembrado o califado de Córdova, reunidas as coroas de Castela, Leão e Galiza na cabeça do inteligente e valoroso Fernando, o Magno, (1037), nasceu em todo Entre Douro e Minho a esperança de melhores dias e uma maior confiança no futuro.

É, pois, de crer que os monges de Guimarães passassem a dar maior atenção à sua «villa nuncupata fano» procurando obter os meios necessários para a sua explora-

denasse todos os trabalhos e sugestões apresentadas para, em acta, serem levados ao conhecimento das entidades superiores».

O Fangueiro agradece a honra do convite e as fidalgas atenções que em Lisboa lhe foram dispensadas.

M. de B.

ção mais eficiente, dos quais o principal era o aumento do número dos trabalhadores. Lembrar-se-iam, então, de fundar uma igreja na «villa» em que, como padroeiros, proveriam um dos membros da comunidade o qual, com outros como auxiliares, não só exerceria o culto como as funções de feitor interessado em aumentar os rendimentos do mosteiro a que pertencia.

E, por que foi, a partir dos meados do século XI que se iniciou por toda a parte, a N. do Douro, a construção de muitas igrejas, em estilo românico, é de admitir que uma dessas, das primeiras talvez, tivesse sido a de S. Paio de Fão, mais ou menos, pelos anos de 1040 a 1050. Em 1059, como já se viu, a sua existência está provada.

Com a igreja aparece a «reguesia» que se justapõe na área à da «villa nuncupata fano per suis terminis et locis antiquis» (da herdade chamada Fão por seus termos e lugares antigos).

Foi num desses lugares antigos, no mais importante por mais habitado, naquele em que primitivamente teria residido, no «Paço», o «dominus» o dono da «villa», que se levantou a igreja. A sua sombra acolhedora vieram ins-

VARANDA DA PÓVOA DE VARZIM

A visita do Senhor Ministro do Interior

Senhor Ministro do Interior, que veio ao Norte tomar contacto com a sua população e ascultar as aspirações dos concelhos do distrito do Porto, visitou esta vila.

O Sr. Coronel Arnaldo Schulz, foi recebido pelos pòveiros com muito carinho, tendo retribuído todas as manifestações com a melhor das boas disposições e simpatias.

Para os jornalistas, foi o Senhor Ministro do Interior de uma afabilidade, que jamais esqueceremos.

No banquete oferecido em sua honra no Hotel da vila, ao qual, assistiram

numerosas personalidades, entre as quais, o Presidente da Câmara Municipal de Esposende, foi focado aos brindes pelo Sr. Major António José da Mota, o problema mais vital desta terra — a conclusão do porto de pesca.

Com satisfação e alegria, ouvimos do ilustre membro do Governo as palavras de interesse por aquela magna questão, que se encontra em vias de solução, e que muitos benefícios irá trazer à depauperada economia local.

Bem haja, Senhor Ministro, pela visita feita à nossa terra, e pelas palavras de muito carinho pela solução dos nossos problemas.

APONTAMENTOS

Segundo consta, a distribuição de correio feita nas aldeias, vai beneficiar de mais três carteiros, devendo a vila ser aumentada em duas unidades. O público muito beneficiará com esta antiga pretensão.

Faleceram nesta vila, a Sr.^a D. Josefa Ribes Sala, mãe do Sr. Pepe Ribes; e Francisco da Costa Jorge.

Tomou posse do cargo de treinador da equipa de voleibol do Clube Desportivo

da Póvoa, o Sargento Sr. Domingos Silva.

Na Igreja Matriz, efectuou-se a Comunhão Pascal, que teve grande concorrência de fiéis, tendo realizado anteriormente conferências o apreciado orador sacro, Frei Jerónimo do Souto, da Ordem dos Capuchinhos.

O lugar de S. Lourenço, na freguesia de Terroso, aguarda que seja electrificado, tanto mais que há anos os seus habitantes, solicitaram este justo melhoramento.

Aos Serviços Municipaliza-

dos, lembramos mais uma vez a necessidade de ser dado àquele lugar a luz eléctrica.

Foi num ambiente de emoção e religiosidade, que teve lugar a cerimónia do Adeus à Virgem Peregrina, que durante 15 dias percorreu o nosso Arciprestado.

Entre os presentes que foram oferecidos à Virgem Peregrina, contam-se: um andor, da freguesia da Matriz; um par de jarras em ouro e prata da paróquia da Lapa, e um círio de prata, da freguesia de S. José de Ribamar. — C.

A propósito de Televisão

Por A. SARAIVA

UM dos casos mais curiosos que se pode apontar na nossa terra é a maneira pronta como para vários acontecimentos e personagens que neles intervêm arranjam apelidos apropriados e a arrebeitar de significado. Este preâmbulo veio-nos ao bico da pena, um tanto escusadamente, ao repararmos no título com que encimamos esta crónica; contudo... não é dessa "televisão" que vamos falar...

Referimo-nos, sim, ao melhoramento que foi introduzido na nossa terra e que constou, como em outro número do nosso Jornal já afirmamos, da instalação de dois aparelhos televisores nos cafés Alex e Guimarães. Nunca estes dois estabelecimentos registaram uma frequência como aquela verificada no domingo. Se o Zé Maia fosse maior famoso dizer que ele parecia, no domingo à tarde, o saudoso Senhor Prior Nogueira a aturar a petizada no Salão da Catequese. A pequena sala do Café estava a regorgitar de

olar-se, pouco a pouco, novos moradores em novas moradias. O lugarejo que era, foi crescendo lentamente, vindo depois a formar o aglomerado urbano, a povoação que, do nome da "vila" em que se gerara tirou o seu próprio nome.

olhinhos pequenos e deleitados a fitar cobiçosamente o écran da televisão.

Por sua vez o Café-Guimarães estava à cunha na noite em que lá fomos.

A oferecer contraste o Salão Paroquial registou uma escassa meia dúzia de pessoas que lá foram assistir à exibição de uma fita medíocre.

Salta logo à vista que aquela luta travada entre a televisão e o cinema, que se vem verificando nas cidades e de quem a imprensa se referiu já, teve agora na nossa terra o primeiro incidente com nítida vantagem para aquela. Ora a realização de filmes na terra fangueira tem já uma certa tradição e representa de algum modo uma receita para os magros cofres do vulgo, além de uma distração para o espírito das gentes.

O cinema constitui, digamos, um elo de ligação entre a cidade desenvolvida e o pensar fechado das terras do interior. Não convém, de modo algum eliminá-lo. Há que ajudá-lo, portanto, a aguentar-se. Quanto às cidades o problema resolve-se mais facilmente; se o filme é bom de facto a casa de espectáculos enche-se. Na nossa terra o principal óbice é exactamente a casa de espectáculos. Um filme bom que contenha certas cenas mais vividas não pode ser apresentado entre nós; os outros filmes bons que não tenham contactos labiais são raros e de difícil apresentação cá pelo seu custo elevado. E ainda porque a maior parte dos filmes bonzinhos implicam expressões de terno amor o Salão Paroquial de Fão vai apresentando filmes como

Coronel Dr. Armando Larcher

A seu pedido deixou o cargo de Director Geral de Censura à imprensa, o Ex.^{mo} Senhor Coronel Dr. Armando Larcher.

O *Fangueiro*, que na sua fundação muito ficou devendo à intervenção directa deste ilustre Oficial do Exército, apresenta a S. Ex.^a respeitosos cumprimentos fazendo votos pelas suas prosperidades pessoais.

aquele de domingo "Francis, o detective", que estão para os bons filmes assim como os rebuçados "S. Brás", estão para os bons rebuçados.

Acode-nos aqui a ideia de uma solução para obviar a este estado de coisas: porque se não constrói em Fão uma casa de espectáculo?

Vivam? Uma ideia genial de O FANGUEIRO: uma casa de espectáculos em Fão!!! Formidável! Oh! mas não sejamos tolinhos.

Quem a vai fazer? Onde está o dinheiro para ela? Como dizíamos num artigo anterior, será o facto de apontarmos nas colunas do Jornal uma ideia que ela se realizará? Seria estulto pensá-lo e a construção de uma tal casa será entre nós uma não realidade por estes anos mais próximos.

Do exposto, e não será preciso acrescentar mais nada, chamamos a atenção da entidade responsável no sentido de tornar mais fácil, usando de um critério mais amplo e benigno, a "movimentação" às empresas que normalmente costumam exhibir filmes entre nós. Todos precisam de viver e Fão não pode morrer.

Festas Milenárias de Fão

Como a imprensa e os cartazes anunciaram já, a nossa terra vai realizar nos próximos dias 4, 5 e 6 de Abril as suas festas milenárias.

A comissão promotora não se tem poupado a esforços e assim, além daquilo que tradicionalmente constitui as festas do Senhor de Fão, apresenta dois números inéditos. Um é a feira franca a realizar no domingo. O outro consistirá num festival folclórico com a participação de três bem conhecidos e notáveis grupos: Rancho Folclórico Pòveiro, Santa Marta de Portuzelo e Ronda de Vilachã.

Trata-se, não há dúvida de um certamen que, se a memória não nos falha, nunca realizado entre nós e que por isso está a despertar natural curiosidade.

O Governo Civil de Braga concedeu a estas festas um subsídio de 2.000\$00.

Também o Senhor Ministro do Interior se associou ao milenário de Fão oferecendo um donativo de 5.000\$00.

Tudo se conjuga, pois, que este ano as festas de Fão atinjam desusado brilho.

Falta de luz na Rua da Pedreira

Não pode negar-se que na nossa terra, em algumas artérias, foi introduzido um sistema de iluminação muito eficiente, tornando as ruas iluminadas de facto. Outras, porém, apresentam ainda lâmpadas muito frouxas que, quando fundidas, esperam longo tempo para serem substituídas. Neste pormenor a rua das Pedreiras é uma vítima. Luz fraca que alterna com longos períodos de escuridão absoluta. Entendemos que se torna necessário uma maior assistência por parte dos serviços competentes.

Visitas

Estiveram em Fão, o Sr. Daniel Contente, nosso assinante, e sua Ex.^{ma} Esposa, que vieram de Coimbra visitar o casal Andrade Novais, pais do seu genro, Dr. Artur Luís Vinha Novais.

Doente

Já se encontra livre de perigo, com o que muito folgamos, o nosso prezado amigo Sr. José Moreira da Silva, activo comerciante da nossa praça.

Nascimentos

Em Angola, deu à luz uma criança do sexo masculino a Ex.^{ma} Senhora D. Maria Fernanda Carneiro de Brito, esposa do nosso assinante, Sr. Carlos Manuel Carneiro de Brito, Chefe de Posto do Colono de Cila, daquela província Ultramarina.

Aos felizes pais os nossos parabéns.

Numa casa de saúde em Santo Tirso deu à luz uma criança do sexo feminino a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Isabel da Costa Gonçalves, dedicada esposa do Sr. José Martins Pereira, industrial de Guimarães.

Aos felizes papás e aos avós maternos, Sr.^a D. Catarina Assunção da Costa e Sr. Raul José Gonçalves endereçamos parabéns.

Livraria MINERVA

Rua 5 de Outubro, 15

— Telefone 333 —

PÓVOA DE VARZIM

Livraria-Papelaria-Artigos Religiosos-Material Escolar

A mais recente e atraente Livraria da Póvoa.

Descontos aos Srs. Professores

Todos a Fão nos próximos dias 4, 5 e 6 para assistir às festas Milenárias

DE APÚLIA

É evidente que uma terra para que progrida tem de se operar dentro dela algo que se releve aos olhos dos que a visitam, quer nas suas construções, ou em qualquer outro pormenor.

Pequenos nada, que muitas vezes poderiam ser evitados, são muitas vezes causas que nos apoucam. Ainda em correspondência recente se falava o problema da mendicidade, embora de maneira superficial, mas que é um caso a resolver. Num dos últimos números deste quinzenário foi abordado com a sua clarividência pelo Sr. Dr. Hipólito Reis o problema da mendicidade, neste concelho. Mas se nos permittem nós focaremos o caso da mendicidade nesta freguesia, em si. A sua população que é superior a três mil e quinhentos habitantes, não tem dentro dos seus limites grande número de mendigos, estes são até muito poucos — apesar de haver por cá muita pobreza envergonhada. Portanto, os habituais mendigos que percorrem este burgo são quase todos das freguesias limítrofes, que por cá vão procurando o pão de cada dia, e que muitas vezes vão até à ousadia de além de pedirem insistentemente ao turista ou veraneante, perseguem-nos no caso de não serem atendidos. Cenas destas já as temos presenciado, e o caso toma foros de abuso quando se trata de estrangeiros, e se juntam crianças de várias idades, e formam procissão atrás das suas presas. Ora isto não está certo, e desmandos como este deviam ser reprimidos na medida do possível, por quem de direito. Note-se que por nossa parte não existe má vontade para aqueles a quem a sorte foi adversa, mas é evidente que é um factor de uma certa influência, para uma terra que pretende valorizar-se, e consequentemente terá de ser dada solução adequada.

Todos a Fão nos próximos dias 4, 5 e 6 de Abril

O café e a Póvoa

(Continuação da página 8)

Eu tenho um certo receio de entrar nestas salas de visita colectivas.

E quando entro, procuro alhear-me do ambiente, porque se me concentro, depressa fico informado das novidades fresquinhas que agitam o meio, desde as modas femininas até aos últimos casos sentimentais, passando pelas novas necrológicas e informação desportiva.

Chega-se a ter a ilusão nítida de estar a ouvir várias estações radiofónicas, no mesmo comprimento de onda, não faltando a estes rádios portáteis, os folhetins dramáticos e a hora de crítica.

E para aumentar o sofrimento, as mesas são como ilhas isoladas a degladiar-se com olhares transversos de desconfiança mútua.

Mas há cafés e cafés!

E nesse aspecto o meio é dum variedade extraordinária.

Enquanto que, a uns, só ou quase exclusivamente vão rapazes (e estes são os mais inofensivos...), a outros só vão senhoras, meninas, doutores e aspirantes; outros são frequentados pelos homens de negócios, pelos que têm questões pendentes no tribunal ou Câmara, pelos que passam das feiras; temos ainda aqueles que são frequentados pela classe piscatória (e estes não são os que auferem menores lucros!); há também os que não conseguem frequência por mais que mudem de gerência ou de aspecto; e por fim existem os que só nos meses de estio engordam a conta-corrente...

Há muito, por onde escolher conforme os gostos e disposição de espírito.

Quando ando sem família, paro pelo Póvoa-Cine, para receber as tonificantes injeções de *mocidade*, tão necessária ao moral e ao físico; quando com a família, frequento o selecto Palácio Hotel; quando não quero, quem me apoquento, refugio-me na galeria, clara e quente do Diana Bar; se quero ouvir as características conversas poveiras cem por cento, demoro-me por momentos no Universal e enriqueço o meu vocabulário secreto, com termos cheios de significado.

Mas, em qualquer que ose entrar, não esqueço o devido cuidado para me pôr longe da vista (e ouvido...) de certos frequentadores dotados daquela pujança de imaginação que os leva a criarem complicações por vezes desagradáveis, a quantos relaxam os músculos num descanso bem merecido, e que só por isso se tornam alvo de *critiquices* baratas, muitas vezes sem nexo da razão de ser.

"Mas o ditado é velho: — Não há bela, sem senão."

E mesmo com os seus quês,

DE FONTE BOA

Tríduo

Com grande afluência de fiéis, como habitualmente, terminou em 15 do corrente o tríduo em honra do S. Coração de Jesus. As palavras do orador sacro calaram bem fundo no coração de todos os ouvintes, tendo sido mais uma vez lembrado que não só somos católicos quando estamos dentro da Igreja, mas também o devemos ser na prática de todas as nossas acções. Oxalá que todos tenham ouvido e fixado.

Sinos

Afinal os "músicos" sempre tinham razão. E a prova é que foi substituído o sino que destoava por outro que já se aproxima do som que estávamos habituados a ouvir. Além disso foi ainda adquirida uma sineta nova para que os tocadores de sinos mostrem as suas habilidades. Não lhes parece, caros leitores e ouvintes, que os "músicos" vão tornar a falar por a sineta lhes ferir os ouvidos? Aguardemos.

Doente

Guardando o leito já há duas semanas encontra-se o nosso amigo Ramiro Fernandes da Fonte. Que as melhoras ultimamente sentidas aumentem e se restabeleça em breve, são os nossos sinceros desejos.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz um menino, a Snr.^a Rosa de Jesus Ribeiro Mariz, dedicada esposa do nosso amigo José Manuel Escrivões Mariz

Ao feliz casal os nossos sinceros parabéns.

C.

Placa de sinalização

Até nós têm chegado notícias de que alguns automóveis que seguem na estrada nacional no sentido Sul-Norte, ao chegarem à curva junto da Garagem Imperial, entram pela Rua Capitão Larcher, julgando que estão no bom caminho para Viana do Castelo.

Julgamos por isso que naquele local devia ser colocada uma seta com a indicação de Viana. Com vista a quem de direito.

O Fanguero

Por motivo de força maior, não se publicou na última quinzena o nosso jornal. Do sucedido pedimos desculpa aos nossos colaboradores e assinantes. Por outro lado desvaneceu-nos uma certa ansiedade que se gerou em certos meios, prova indesmentível do sincero carinho que votam ao nosso jornal.

o café continuará a ser, através dos tempos, o local ideal para a cavaqueira e o veículo dos mais variados assuntos, que aí são e serão sempre respigados... a bem do próximo!...

Fernando Barros Pereira

FALECIMENTOS

Domingos Alves Reis

Causou surpresa e pesar entre nós a morte do Snr. Domingos Alves Reis, comerciante, que por largos anos desempenhou o cargo de Presidente da Junta, tendo, no entanto, desempenhado outras funções nas instituições fanguerinas.

Conquanto se mantivesse ultimamente afastado de qualquer lugar, por razões de saúde e idade, o Snr. Reis mantinha-se atento ao desenrolar dos acontecimentos na sua terra e dava conselhos e opiniões ponderadas, objectivas e justas.

O saudoso conterrâneo era pai das Snr.^{as} D. Eunice Fontafinhas Reis Silva e D. Lígia da Costa Reis Lima e do Snr. Marcos da Costa Reis. Era ainda irmão das Senhoras D. Zulmira, Maria, Cândida Alves dos Reis e dos Srs. Cândido, Manuel, Amândio e Américo Alves dos Reis e tio das Senhoras D. Maria Cândida Alves Hipólito Reis Campos e D. Aida da Costa Reis e dos Snrs. Dr. Cândido Alves Hipólito Reis, Carlos Barra Campos Reis e Manuel Alves dos Reis.

A toda a família apresentamos sentidos pêsames.

D. Silvina da Graça e Costa

Em Esposende faleceu após doloroso sofrimento a Sr.^a D. Silvina da Graça e Costa, esposa do Senhor Domingos Lopes da Costa, guarda-livros da Casa do Povo daquela vila.

A extinta era mãe da Sr.^a D. Maria Salete da Graça e Costa, e dos Snrs. Bento Lopes da Costa, distinto Capitão do exército e do Senhor Artur Lopes da Costa, Chefe dos C. T. T., em Fão.

Foi sepultada no Cemitério Municipal de Esposende, com grande acompanhamento.

A família enlutada, e de modo especial a seu filho Artur, nosso prezado amigo, apresenta *O Fanguero* sentidas condolências.

Vasco Vieira

Soubemos que no Brasil faleceu inesperadamente o importante industrial e grande benemérito esposendense Snr. Vasco Vieira. Esta notícia encheu de luto o coração do povo de Esposende, pois são de todos conhecidos os grandes donativos que aquele benemérito oferecia constantemente à sua terra que tanto estremeira.

Este homem abre na vila conceinha uma vaga difícil de preencher.

À Ex.^{ma} Família e dum modo especial a seu irmão, o nosso bom amigo Snr. Américo Vieira, apresenta *O Fanguero* sentidas condolências.

D. Ana Rodrigues Sobreiro

Com avançada idade faleceu em Fão, à rua Serpa Pinto, a Senhora D. Ana Rodrigues Sobreiro.

A família enlutada e em especial a seu filho, o nosso prezado assinante, Snr. Francisco Rodrigues Sobreiro, residente em Matozinhos, apresentamos condolências.

Dr. António Fruituoso de Melo

Com a presença das mais destacadas figuras do nosso Distrito, tomou há dias posse do cargo de Delegado do Instituto do Trabalho e Previdência, em Braga, o Senhor Dr. António Rebelo Fruituoso de Melo.

O Fanguero apresenta a Sua Ex.^{ma} os seus cordeais cumprimentos de felicitações.

Notícias de S. Bartolomeu do Mar

Pedido em casamento

Por Carlos Lima Morgado, foi pedida em casamento a menina Ana Augusta S. Neiva Soares. Em breve, os noivos tencionam receber no santuário do Monte Sameiro o Sacramento do Matrimónio.

Aniversário

No dia 24 do passado mês de Fevereiro, passou-se o 71.^o aniversário do Rev. Padre Avelino dos Santos Ribeiro, pároco de S. Bartolomeu do Mar.

Exerceu o múnus pastoral já em S. Martinho, de Paredes de Coura, já no Brasil com fama inolvidável e dedicou-se por fim de alma e coração a esta pequenina paróquia.

S. Bartolomeu do Mar, saúda o seu Pároco.

Rancho «Rodrigues Sampaio»

Devido aos esforços de José Martins Cepa, Gabriel Capitão e Cândido Viana, o Rancho Folclórico desta freguesia chamado «Rodrigues Sampaio» entrou numa fase de pujante desenvolvimento. Apesar de nos meses de Novembro e Dezembro do ano passado estar dissolvido, estes insígnies baerristas não só o reorganizaram e lhe deram um nome sobremaneira digno e elevado, mas ainda lhe aumentaram os números do seu programa e o têm pronto para satisfazer o mais variado público. Praticamente, a esses três senhores é que o Rancho deve a sua existência. Parabéns.

C.

Partidas

Com destino a Angola partiu no dia 14, no paquete Timor com destino a Angola a Snr.^a D. Maria dos Santos Pereira que se faz acompanhar dos seus quatro filhos.

No mesmo navio seguem os nossos conterrâneos Snrs. Cândido Vilas Boas Soares e João de Campos.

A todos *O Fanguero* faz sinceros votos pela felicidade destes nossos conterrâneos e oxalá voltem breve.

— Nesta debandade a que aflitivamente assistimos dos nossos queridos conterrâneos para longes terras, vemos partir igualmente certas pessoas que de qualquer modo se tornaram figuras típicas da região e que procuram humanamente um lugar ao sol.

Nestas condições aqui referimos com certa mágoa a recente partida da Sr.^a D. Emília Luís Sobral que se faz acompanhar de sua filha, genro e netos. Ora todos sabem de quem se trata: nada mais nada menos que a Snr.^a Emília Mendonça, muito célebre entre nós pela famosa «Rôscã da Mendonça» de que ela possui a patente.

Ainda nos lembramos dos nossos tempos de criação, quando nossa mãe nos vinha trazer o Café com rôscã Mendonça, no domingo do Senhor de Fão. Era uma alegria saborear aquele pão doce.

Como tudo, também este doce vai acabar entre nós.

Felicidades para a Snr.^a Emília e saudades da gente de Fão.

Aniversários

Fizeram anos:

FEVEREIRO

Dia 11 — D. Conceição de Jesus Ferreira.

MARÇO

Dia 12 — D. Leonídia Fernandes Carneiro.

Dia 13 — D. Rosa Angelina da Costa.

Dia 15 — Joaquim G. Soares.

Dia 17 — D. Ana Faria de Vilar.

Dia 18 — Professora D. Manuela Borda Rodrigues.

Dia 20 — Raul Pimenta.

Dia 21 — D. Odette Melo Gavina.

Dia 25 — D. Alice Fernandes da Costa e a menina Célia Maria Ramos Pereira Ferreira.

Dia 24 — D. Maria Augusta Mendanha Pires.

Dia 25 — Prof. José Pio Rodrigues, Celestino Gomes Pires, Joaquim Alberto Barros Peixoto, António Pereira Gonçalves, ausente no Rio de Janeiro.

Fazem anos:

ABRIL

Dia 2 — D. Maria da Saúde Herdeiro.

Dia 5 — D. Rosa Cardoso Torres.

Dia 6 — D. Otilia Gomes Pedroza, a menina Maria do Carmo Carneiro Solinho e o menino Leonídio Carneiro Neto.

Dia 7 — A menina Ludovina Maria Pires Morais.

Sub-Posto da Guarda Nacional Republicana

Segundo fontes que consideramos fidedignas estão a enviar-se esforços no sentido de instalar na Zona da Praia um sub-posto da Guarda Nacional Republicana. Soubemos igualmente que um fanguero amigo oferece a parte de terreno necessária para a construção do respectivo edifício; contudo este «boato» é dado sob uma certa reserva dado que esperamos notícias mais concretas para informarmos com mais exactidão e certeza os nossos leitores.

Manuel de Boaventura

Na reunião da Imprensa Regional, levada a efeito por iniciativa do ilustre Secretário Nacional de Informação, Dr. César Moreira Baptista, tomou parte como representante de *O Fanguero* o consagrado escritor e nosso distinto colaborador, Snr. Manuel de Boaventura.

Novo Regedor

Num destes dias foi empossado no lugar de Regedor de Fão o Snr. Júlio da Silva Vilela, pessoa muito estimada em Fão e que em circunstâncias várias tem assumido funções de mando na nossa terra. Ao novo regedor, que reúne inegáveis qualidades para o melindroso lugar, augura *O Fanguero* muitas felicidades.

Falta de espaço

Devido à falta de espaço deixamos de publicar neste número diverso original, do que pedimos desculpa aos nossos distintos colaboradores e assinantes.

Aniversário dos Bombeiros de Esposende A Antologia dos Esquecidos

(Continuação da página 1)

No Gabinete do Senhor Presidente da Câmara Municipal, onde se encontrava o Senhor Presidente e Vereadores, foram apresentados os cumprimentos pelas Direcções e Comandos.

Usou da palavra o Presidente da Direcção dos Bombeiros de Esposende, Senhor Avelino Roriz Pereira, que agradeceu à Câmara o auxílio valioso que dera à corporação para a construção do novo quartel, que passava a ser uma casa digna de Esposende.

O Senhor Costa Leme, Presidente da Câmara, depois de agradecer os cumprimentos recebidos e de focar que o auxílio fora limitado pela situação financeira da Câmara, mas que era seu desejo que fosse maior, terminou entregando o seu contributo pessoal para as obras.

Finda esta cerimónia, dois piquetes dos Bombeiros de Esposende foram a Curvos e Marinhas em romagem às campas dos bombeiros e beneméritos aí sepultados.

As 15 horas, chegavam ao novo quartel diversas corporações, que vinham tomar parte na festa: Barcelos, Barcelinhos, Arrifana, Voluntários de Braga, Caldas das Taipas, Fafe, Fão, Leixões, Matozinhos-Leça e Póvoa de Lanhoso.

Cerca das 16 horas um grupo de numerosas individualidades dirigia-se ao Solar de Belinho, a apresentar cumprimentos ao grande poeta Correia de Oliveira.

No regresso acompanhavam o Senhor Secretário do Comércio, que vinha tomar parte na Festa.

O cortejo ministerial chegou junto ao novo quartel Rocha Gonçalves, cerca das 16,30 h.

O Senhor Doutor José Gonçalo Correia de Oliveira, ilustre membro do Governo, passou revista à guarda de honra, depois do que se procedeu ao hasteamento da Bandeira Nacional e da Corporação, no novo edifício.

A pedido do Senhor Secretário do Comércio a Senhora Dona Maria da Soledade da Rocha Gonçalves, grande benemérita dos Bombeiros de Esposende, inaugurou o edifício, procedendo à abertura da porta principal.

Logo em seguida os Bombeiros passaram em continência junto ao quartel e dirigiram-se à Matriz, de onde trouxeram em procissão o patrono da Corporação: São José, que, pelo comandante Quintas, dos Voluntários de Barcelos, foi colocado no quartel, numa peanha.

Em seguida, o Snr. Arcipreste de Esposende benzeu o novo quartel e deu-se início a uma sessão solene, sob a presidência de Sua Ex.^a o Senhor Secretário do Comércio.

Na Mesa encontravam-se à direita do Senhor Secretário de Estado, os senhores: Governador Civil de Braga, Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros de Esposende, Reverendo Arcipreste de Esposende e o Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

À esquerda encontravam-se os senhores: Inspector de Incêndios da Zona Norte, Director do Instituto de Socorros a Náufragos, Presidente do Congresso e Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, Doutor Juiz de Direito da Comarca de Esposende e Engenheiro Alegria Martins.

Usou da palavra em primeiro lugar o Senhor Doutor Agostinho Reis, que depois de saudar as autoridades presentes dirigiu palavras de funda gratidão para com todos os que ajudaram a construção da obra, com os seus donativos.

Falaram também os senhores António José da Costa Leme, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Esposende; o Presidente do Congresso dos Bombeiros; Presidente da Liga dos Bombeiros; Inspector de Incêndios; Governador Civil, e, por último o Presidente da Sessão.

O Senhor Dr. Correia de Oliveira começou por saudar em primeiro lugar os Bombeiros, aos quais dedicou palavras de profundo carinho e, disse, queria em segundo lugar saudar o Reverendo Arcipreste, a quem, como há trinta anos atrás, desejava pedir mais uma vez a sua bênção.

Depois de afirmar que fora com sacrifício que viera assistir a esta festa mas, que isso não conta quando se trata de bombeiros, teve palavras do mais acrisolado patriotismo e do mais fundo respeito para com o ilustre Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar.

Condecorou a seguir o Comandante Carlos Oliveira Martins, por incumbência de Sua Ex.^a o Chefe do Estado, com o COLAR DE CAVALEIRO DA ORDEM DA BENE-MERÊNCIA, pelo carinho e dedicação com que o mesmo servia a obra da assistência concelhia e os Bombeiros Voluntários de Esposende.

No momento da condecoração todos os presentes, de pé, deram uma estrondosa salva de palmas.

Foram também condecorados, com medalhas da Liga dos Bombeiros Portugueses, os primeiro e segundo comandantes dos Voluntários de Esposende, respectivamente Professor Carlos Martins e Snr. João Conde Evangelista.

Receberam condecorações também os bombeiros: Manuel José Dias, Augusto Vilarinho Rodrigues, João Gonçalves Ferreira da Silva, José Nunes Novo, Francisco R. Sousa, Eduardo Gomes Ferreira e António Costa Terra.

O Snr. Inspector de Incêndios colocou na Bandeira dos Voluntários de Esposende a Medalha de Ouro, com duas estrelas, com que a Liga dos Bombeiros agraciara a Corporação.

Receberam medalhas de ouro da Corporação:

A Snr.^a D. Maria da Soledade Gonçalves, o Snr. Inspector de Incêndios da Zona Norte, Coronel Serafim de Moraes, o Snr. Eng. Alegria Martins, o Snr. Arquitecto Francisco Paulo, autor do projecto do Quartel, e o médico da Corporação, Dr. Joel Magalhães.

As vinte horas, com a assistência de muitas dezenas de convivas, cremos que 150, realizou-se no Salão Nobre da Corporação um banquete, presidido pelo Snr. Secretário do Comércio.

Aos brindes falaram os Senhores:

Comandante dos Voluntários de Esposende, que emocionado agradeceu a condecoração com que o Governo o agraciara, falou do grande poeta Correia de Oliveira, enalteceu a Benemerência das famílias Vieira e Rocha Gonçalves, rendeu homenagem ao Snr. Doutor Gonçalo Correia de Oliveira, e mais autoridades presentes, terminando agradecendo a presença de todos e dirigindo palavras de carinho para com os bombeiros.

Usaram ainda da palavra os Senhores Governador Civil de Braga, Doutor José Machado, em nome da família Rocha Gonçalves; Presidente da Câmara Municipal de Esposende e o Presidente da Liga dos Bombeiros.

Deste último foi muito aplaudida uma frase em que disse: Há algum tempo uma importante figura inglesa dizia que, se houvesse um governo europeu, o Senhor Secretário do Comércio de Portugal, Doutor José Gonçalo Correia de Oliveira, seria o Ministro do Comércio Europeu.

Encerrou a série de brindes o Senhor Doutor Correia de Oliveira que, depois de dizer palavras de homenagem para com os Srs. Doutores Mariano de Carvalho, Ramiro Barros Lima e Joel de Magalhães, disse do seu interesse pelos jornais da sua terra, e concluiu o seu discurso com palavras de fundo amor pátrio, tomando a defesa da nossa posição nos casos da Índia Portuguesa e das nossas Províncias de além mar, que temos de defender intransigentemente para as legar aos nossos filhos como nos legaram os nossos maiores.

Foi vibrantemente aplaudido.

Era meia-noite quando a festa terminou. Resta-nos dizer apenas que as ruas próximas do Quartel estavam vistosamente engalanadas e iluminadas, tendo havido festa na rua, para o que tocou a Banda num coreto, no Largo Dr. Fonseca Lima.

Causou também sensação a fanfara dos Voluntários das Taipas.

Foi um dia pleno de festa, em que Esposende vibrou de são bairrismo.

(Continuação da página 6)

mente se comprova a sua filiação no movimento da *Presença* e são bastante visíveis as influências de Antero de Quental, Camilo Pessanha, José Régio e, entre os estrangeiros, a de Baudelaire e de Rabindranath Tagore.

Em Miguel de Andrade avulta sobretudo o problema religioso. Do seu livro de sonetos *Coluna de Fogo*, que data de 1947, extraímos esta peça lírica em que o poeta exprime a presença de Deus sem a poder definir:

*« Quem de lá, do distante céu me chama
Durante toda a noite e todo o dia?
Quem de lá, para lá da fantasia
Um sonho de ópio sobre mim derrama? »*

*Serás tu, Brama? — mito cuja fama
Gabavam os yoguis a quem seguia.
Ou será outro amor, outra alegria,
Que nos eleve acima desta lama? »*

*Serás tu, Jeová? — o Deus cruel
Cuspindo a lei amarga como fel,
Curvado sobre o mundo, enraivecido... »*

*Será apenas sonho que sonhei?
Talvez feito a quem outrora amei...
Talvez aquele Deus desconhecido... »*

(Soneto XIX)

É também curioso um outro soneto em que o poeta exprime o eterno combate da carne e do espírito, a eterna contradição do homem que se debate entre a carnalidade que o prende à terra e o espírito que deseja voar aos céus:

*« Longe de ti, amor, sou um mendigo
A percorrer estradas, vagabundo,
E que de vez em quando sei que digo
Um rude pensamento mais profundo, »*

*Quero seguir na senda que não sigo,
Quero ser casto em mim até ao fundo,
Quero entregar-me a Deus e então maldigo
A tua carne bela em que me afundo, »*

*Quero ser Buda, Krishna ou qualquer
Profeta que dos céus desceu à terra,
Quero ascender além da humanidade... »*

*Mas logo que te vejo a ti, mulher,
Destroi-se todo o bem que em mim se encerra,
Contigo rasgo a minha castidade... »*

(Soneto XXXVII)

Miguel de Andrade foi um aristocrata do espírito, um eremita que tinha pudor em atirar com os seus versos para as páginas dum jornal. Entendia que os seus poemas deviam ser só para os raros que o podiam compreender. E a esta insólita atitude, que durante toda a vida manteve, deve o seu esquecimento ou, melhor, o nunca ter sido conhecido. Mas é um caso interessantíssimo dum poeta universalista bebida desde os recantos miteriosos do extremo Oriente até às plagas paradisíacas deste « jardim da Europa à beira mar plantado ». E só por isso, quanto mais não fosse, merecia ser recordado.

DA MARGEM DIREITA

(Continuação da página 6)

uma pensão anual de quarenta mil réis; aos irmãos escravos Silvestre e João, fá-los livres e forros; à escrava Lucrécia, liberta-a e deixa-lhe um carro de pão anual; do bom e leal criado « meu » Manuel D. Guerra, deixa as casas, moínho e horta do lugar de Azevedo e mais 100 mil réis; a Marucha Galega, criada, dá uma casa e 25 alqueires de pão anual; para Serafina uma casa; para António Fernandes, Custódia e Maria,

outra casa; a um outro escravo João, perdoa-lhe os erros e torna-o livre. E o caudal de liberalidades não pára: mais servidores e amigos a serem contemplados; confrarias e irmandades a não serem esquecidas.

Tudo isto e o mais que o testamento diz, revela-nos um homem que em nada se parece com o tirano da lenda. Os termos do curioso documento produzem no nosso espírito sérias dúvidas a respeito da vida do senhor fidalgo que jaz no adro da Igreja de Palmeira do Faro.

Esposende, 15-III-59

DA MARGEM DIREITA

Uma Sepultura, uma Lenda e um Testamento

Pelo Dr. E. R.

NA Igreja de Palmeira do Faro, fora da porta principal, existe uma campa razea, com uma inscrição já meio ilegível. É de tradição que se trata da sepultura de D. Sapo. A versão vulgar apresenta-nos este D. Sapo como um homem altivo e orgulhoso, tirânico e corrupto. Em permanente atitude de despotismo, tal e qual à imagem e semelhança doutros D. Sapos que por aí fora existiram, teria tido até o « jus pñnde noctis ».

A Idade Média deve tê-lo inventado. Posteriormente fez-se dele um tipo. Foi no D. Sapo que encarnou a quinta essência da devassidão e da tirania. Tornou-se tradicional a sua sensualidade o proverbial o seu delírio de domínio. Por isso os séculos se encarregaram de escrever sobre ele, explorando-o. Não podemos, portanto, estranhar esta deformação da verdade, já que estamos habituados ao espectáculo da lenda que se forja sobre o carácter dos grandes. O que nos surpreende neste caso do nosso D. Sapo, é que a deformação tenha tido voga até aos nossos dias. A lenda pintou-o a cores carregadas. A realidade, porém, parece-nos ser muito diferente.

Ninguém conhece D. Sapo sem primeiro ter lido e meditado o seu testamento. O seu estudo deixa adivinhar por detrás do monstro sombrio que a tradição nos legou, um homem cheio de problemas íntimos, de contrições sinceras. Com impulsos e defeitos fundamentais, não lhe devem ter faltado certas qualidades e um fundo de virtudes.

Mas sigamos de perto a última vontade do senhor fidalgo, escrita pelo seu próprio punho em 26 de Junho de 1715.

É uma verdade indiscutível que a sua religiosidade e devoção foram profundas. O testamento, feito um ano antes da morte, é uma expressão de fé sincera, ainda que aparatosa e gongórica, como certamente era de uso ao do tempo. Depois de sabermos que institui uma missa dominical perpétua em Palmeira do Faro e que manda dizer 3.000 (três mil) missas gerais pela mãe, por ele e pelo pai, 100 por um escravo e 200 por um criado de Vila do Conde, atentemos na amostra desta passagem: « Protesto fermeçimamente de viver, e morrer na Santa Fé Católica, e crer cõ toda a fé e firmeza, o que cre e nos ensina a Santa Madre Igreja de Roma, e nesta fé espero salvar a minha Alma, não por meus merecím.^{tos} mas pella Santíssima Paixão do Unigénito Filho de Deus ».

Da sua humildade, reza alto e bom som o disposto para o enterramento. Quer e manda que « seja este corpo embrulhado em hua abito de S. Fr.^{co} e seja pobrem.^{te} sepultado... e descalço ». Pede que a sepultura « seja no adro de Palmeira do faro, à porta da Igreja principal da parte de fora » e que sobre ela « se ponha hua canpa cõ hu letreiro, que diga: aqui está Pedro hum grande pecador pede pello Amor de Deus hua Ave Maria ». A leitura que, de parte do epítáfio, até hoje se fez, ajudou a ver no Senhor de Palmeira do Faro o déspota e criar à sua volta a fama de grande fidalgo espinhador dos seus vassallos. Mas que longe está este Pedro, daquele outro que humilimamente se diz um grande pecador!

A generosidade que teve na sua vida é fartamente demonstrada no testamento. Depois de pedir ao herdeiro que lhe pague as dívidas, o senhor de Palmeira enumera as suas doações a amigos e criados, as rendas destinadas aos pobres, os legados pios. E em tal quantidade, que era precisa uma boa fortuna para satisfazer a tanta generosidade. Ouçamos algumas das disposições. Para os pobres manda que « se reparta pellos... da m.^a frg.^a de baixo coatro sentos alqueires de pam »; a uma Custódia de Santo António, dá

(Continua na página 5)

Recordações de uma viagem a Goa

Pelo DR. ALMEIDA BRAGUEZ

IV

Peregrinação a Velha Goa

À semelhança dos anos anteriores, fomos em peregrinação a Velha Goa no dia 14 de Agosto.

Chegamos cedo à Igreja Matriz de Pangim e já lá estavam inúmeros fiéis. Aguardava-se o momento da partida, prevista para as 5 horas.

Afluem fiéis de todas as ruas que ali convergem: famílias inteiras, grupos vindos das aldeias vizinhas, um ou outro devoto isolado.

Às 5 horas chove torrencialmente, mas mesmo assim começa a marcha, encabeçada pelos rapazes do Instituto D. Bosco com o seu Director à frente.

Durante o percurso, desde Pangim a Velha Goa, é um nunca acabar de cânticos e preces. Todos encaminham encharcados, mas de coração quente e nos lábios uma súplica ou um voto de confiança e Fé.

O terço pende de quase todas as mãos que o vão desfiando ao ritmo regular e firme da marcha.

A coluna humana estende-se por mais de dois quilómetros, numa massa compacta, cerca de dez mil fiéis.

Chegamos a Velha Goa às 7 horas e já o largo fronteiro à Basílica tinha bastante povo. Na porta principal, os jornalistas (creio que vindos da Metrópole) mostravam bem a sua admiração perante espectáculo tão natural e grandioso. Ali, nada de exageros na fé natural e bem patente na fisionomia de todos.

Aguardamos a chegada dos restantes peregrinos que demorou, numa afluência constante, cerca de meia hora. Por fim, avista-se o Senhor Patriarca das Índias rodeado por bastante clero e fiéis. Vem direito em nada mostrando fadiga de tal caminhada. A meu lado um Padre vai filmando uma ou outra fase da chegada.

São sete horas e meia e Sua Ex.^a Reverendíssima o Senhor Patriarca das Índias Orientais sobe os degraus do altar do Túmulo.

Inicia-se a Santa Missa. Vários padres andam na Basílica a dar a Sagrada Comunhão aos fiéis que a recebem quase na totalidade.

Ao púlpito sobe o Padre Mário de Santa Rita Vaz que, com entusiasmo e eloquência, profere palavras de entusiasmo e de fé a exortar os fiéis à confiança e a pedir a paz. Fala, umas vezes em concaním, outras em português. Inicia o Xavierá que é cantado por todo aquele conjunto com apoteose a S. Francisco Xavier.

Já quase no final da Santa Missa Sua Ex.^a Reverendíssima fala aos fiéis: são frases simples, mas cheias daquela unção religiosa que lhe é peculiar.

Ali, diante do Túmulo de S. Francisco Xavier, todos num só pensamento, pedimos a Deus e a S. Francisco a paz e oramos para que ela seja mantida não só na nossa Pátria, mas em todo o mundo. Pedimos ao patrono dos goeses que junto de Deus vele por aqueles que nele confiam e ilumine os transviados que já tantas vítimas causaram e ainda mais tentam fazer...

A Antologia dos Esquecidos

Por MÁRIO FIÚZA

MIGUEL DE ANDRADE

FALAREI hoje dum esquecido de ontem, dum poeta que nunca atingiu notoriedade alguma no campo das letras, em virtude de ter impresso as suas obras com a tiragem reduzidíssima de cinquenta exemplares, numerados e rubricados, que depois distribuiu por meia dúzia de amigos. As suas obras são hoje autênticas raridades bibliográficas: *Coluna de Fogo*, *Quarto Crescente*, *Caixa de Música* e *Cancioneiro Japonês*. Este desconhecido é, na minha modesta opinião, uma das personalidades mais originais do nosso movimento poético contemporâneo.

Miguel de Andrade nasceu em Macau na primavera de 1916 e veio a falecer em Lisboa no outono de 1947. A sua longa estadia em Macau, onde nasceu e estudou, e às suas inúmeras viagens ao Japão deveu Miguel de Andrade o conhecimento das línguas chinesa e japonesa. A cultura oriental transparece nos seus versos, não em pormenores exóticos, mas num « estado de alma » vivido, numa atitude espiritual que se afirma muito mais próxima de Brama ou de Buda do que de Cristo. Mas se quanto à essência Miguel de Andrade nos apresenta uma interessante síntese das culturas oriental e ocidental, que diríamos impossível, quanto à forma é nitidamente lusitana e enquadra-se perfeitamente no nosso movimento poético contemporâneo. Lendo os seus versos fácil-

(Continua na página 5)

O CAFÉ E A PÓVOA

NESTA terra de Varzim, o café é o local destinado aos mais diversos fins, com prejuízo evidente da sua principal função, isto é; servir café.

Mercê das suas temperaturas amenas, é abrigo de quem, saindo de casa, se cansa de ser açoitado pelos desenfreados ventos marítimos, muito desagradáveis nesta quadra do ano.

Por isso, é espectáculo rotoneiro, ver-se nas redomas vitrear, espalhados em grupos diversos, estudantes aplicados (será possível?), senhoras « crocheteando » e cavaleando sobre múltiplos assuntos, casais com a sua prole fazendo enorme grita e correndo por entre as mesas sob os risos amarelos do pessoal da casa, grupos de habituais ferrenhos que tomam os cafésinhos, em sorvos lentos apreciando o aromático paladar, ardinas que distribuem jornais para serem lidos a troco dum « obrigado ».

E nas várias posições estratégicas do salão, os « casacas brancas », atentos, acorrem pressurosos ao mínimo ruído, ao arrastar duma cadeira, a um espirro, para alvejar à queima-roupa:

— Café?...

(Continua na página 4)

Saldo da quinzena

COM o mais elevado sentido patriótico, Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado do Comércio veio até nós, no penúltimo domingo. Esposende recebeu-o de braços abertos e coração nas mãos: entusiasta e confiada. E Sua Excelência viveu os nossos problemas e os nossos anseios. E sua Sua Excelência esteve a nosso lado nas nossas grandezas e misérias. Falou-nos como só falam os amigos: alma simples e aberta.

Para todos, para aqueles que desde sempre levam vida de trabalho por estas terras de Esposende, a visita de Sua Excelência fez-nos reavivar no peito uma esperança — esperança tanto mais intensa quanto ela resulta da confiança que depositamos na política do governo da Nação.

Bem haja, Senhor Secretário de Estado do Comércio, por ter vindo a esta sua terra! Deus pague a Vossa Excelência tanta emoção, tanta experiência, tanta vida!

Desde há quinze dias precisos que Esposende tem uma obra real e viva a ocupar de direito um lugar incontestável. Compreendêmo-la e admirámo-la. E quem há por aí que a não compreenda e não a admire? O novo quartel dos Bombeiros Voluntários, indiferente ao ataque dos homens, e a despeito dos estragos dos anos pelo tempo fora, será sempre um exemplo de tenacidade e bairrismo dos esposendenses. Mais ainda: jamais deixará de ser a herança da vontade e do esforço de um homem.

Assim o entendeu e muito bem o Governo da Nação, que não regateou agradecimentos. E nós que olhamos para além de nós mesmos, assim o devemos entender também.

*

Semana Santa. Está aberto o livro com a história do mais sublime de todos os sacrifícios, que é a maior lição da mais pura transparência. Na realidade, a Semana Santa fixa e prolonga o maior drama de todos os tempos, eterniza todos os passos gloriosos do Homem-Deus.

Cada um desses momentos é um testemunho de um esforço esplêndido, o mais extraordinário de todos os esforços — o de conseguir homens perfeitos. Quanta bondade, quanta clemência, quanto perdão!

Semana Santa. Santa lição de ambição de paz. Livro aberto para um mundo melhor, onde os homens sejam como irmãos e os dias com a alegria límpida e musical de Domingo de Páscoa.

X.